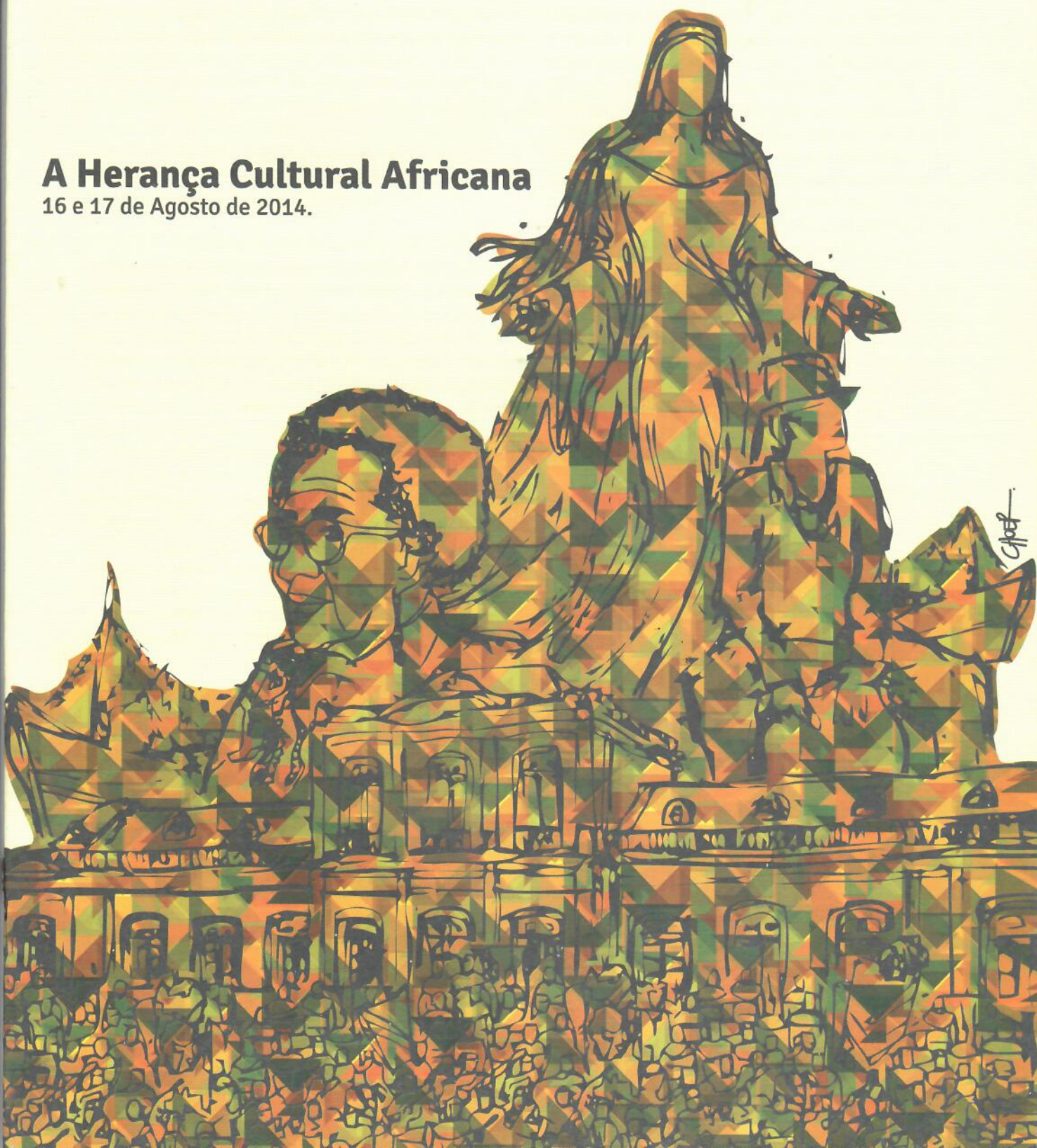




**DIA DO  
PATRIMÔNIO**  
Pelotas. Rio Grande do Sul

## **A Herança Cultural Africana**

16 e 17 de Agosto de 2014.



## Dia do Patrimônio

Pela segunda vez a cidade exercita sua identidade coletiva em um evento de características diferentes. As ruas se preenchem de passado, de história e também de contemporaneidade; as pessoas compartilham lembranças individuais e memórias coletivas, prédios históricos, praças e parques, e reavivam a valiosa herança cultural africana em nossa cidade, que celebramos nesta segunda edição do Dia do Patrimônio, em que a cultura negra mostra toda a sua expressão e importância em nossa história.

Esse encontro, multiplicado em mais de cem eventos, é nosso reconhecimento a todos os cidadãos negros que contribuíram para a formação da Pelotas de todos nós.

Eduardo Figueiredo Cavalheiro Leite  
**Prefeito**

Esta é a segunda edição do Dia do Patrimônio em Pelotas. No ano passado, o tema foi o próprio patrimônio, seus conceitos e seus desdobramentos. Tratava-se de uma aposta de nosso governo, inspirada em eventos já realizados com sucesso na França e no Uruguai. Tínhamos grande expectativa, mas nada que se comparasse à emoção que foi compartilhar com a população aquele fim de semana ensolarado, e assistir às pessoas se deslocando pelo cenário da cidade, de um prédio para o outro, de uma apresentação artística de rua a uma exposição num belo casarão. Pelotas viveu literalmente seu patrimônio, encontrou-se com ele, num reconhecimento cheio de entusiasmo e afeto. Neste ano, propusemos como tema a herança cultural africana em Pelotas.

Queremos, com essa escolha, fazer uma homenagem a nossas raízes negras e desvelar todos os elementos dessa cultura tão rica, que estão profundamente inseridos em nossas práticas sociais, artísticas e culturais cotidianas. Que Pelotas novamente possa se surpreender, exaltar-se, e, por fim, reconhecer-se, nesse encontro marcado para os dias 16 e 17 de agosto.

Paula Schild Mascarenhas  
**Vice-Prefeita**

Nosso Dia do Patrimônio de 2014 é um mergulho no processo de construção da paisagem humana da cidade de Pelotas. A celebração desta pluralidade étnica e seus reflexos na formação de nossa cultura é uma tarefa impossível sem o reconhecimento da brutalidade da diáspora africana e seu eco até o momento presente. Organizamos então treze encontros que ocorreram às quartas-feiras investigando a historicidade, memórias, visões de mundo, modos de ser, crenças e tradições dos africanos e afrodescendentes.

Os temas abordados em nossas conversas são apresentados neste caderno que contém fragmentos essenciais para um melhor entendimento do fenômeno sociocultural e histórico que deu origem à infinitamente bela cultura negra em nossa cidade.

Giorgio Ronna  
**Secretário de Cultura**



## EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E COMUNIDADES NEGRAS

**LOUISE PRADO ALFONSO**  
Antropóloga e Arqueóloga

No Brasil, as políticas de proteção ao patrimônio cultural, por muito tempo, não valorizaram a educação como uma ferramenta para a preservação. Uma proposta metodológica voltada para o desenvolvimento de ações educacionais a partir dos bens culturais foi introduzida no Brasil apenas em 1983. A partir dessa proposta, inúmeras experiências e atividades vêm sendo realizadas em diferentes contextos e locais do país, sendo denominadas de Educação Patrimonial.

A metodologia da Educação Patrimonial pode ser aplicada a qualquer referência cultural, sendo estas: Oficinas, saberes e modos de fazer, Celebrações, Formas de Expressão Lugares e Edificações. São exemplos: danças, receitas, itens de vestuário, arroyos, festas, bibliotecas, diversas formas de moradias como casarões, casas de madeira, de barro, entre outras.

A Educação Patrimonial pode ser uma forma importante de ação, de enfoques participativos e pluralistas que favoreçam a inclusão social por meio do patrimônio. Para que isso ocorra, a educação deve ser entendida como um processo que favoreça a reflexão constante, o pensamento crítico e incentive que comunidades sejam agentes transformadores de suas realidades. Deve ainda, buscar a construção do conhecimento a partir da troca, do respeito às diferenças e às experiências das diversas pessoas envolvidas no processo.

Em todo o Brasil, projetos de Educação Patrimonial têm sido desenvolvidos junto a comunidades negras, incentivando um diálogo destas comunidades com suas referências culturais, descortinando questões sociais, econômicas e culturais que marcam a vida destes grupos. Estas ações educativas visam, a partir do olhar da comunidade para estas diferentes questões, favorecer a valorização de novas vozes, de interpretações alternativas sobre cada localidade. Bem como, identificar estratégias de legitimação identitária e refletir sobre o uso qualificado destas referências.

Muitos destes programas apresentam resultados interessantes, sendo alguns deles: a formação e reelaboração de museus, exposições ou salas de interpretação; a elaboração de Mapas Culturais, a definição de Políticas Públicas para cultura, turismo e educação; a construção de projetos relacionados à preservação de referências patrimoniais locais; a confecção de materiais paradidáticos; a montagem de roteiros de visitação; e a elaboração de vídeos e documentários. Todos, tendo como temática principal a questão do negro e a valorização de suas referências culturais.

É importante destacar que estes projetos apenas fazem sentido se elaborados a partir da compreensão da realidade local e dos anseios da comunidade. Apenas projetos participativos possibilitam que os bens patrimoniais favoreçam que o passado possa ser apropriado no presente de forma a fortalecer as comunidades negras.



## ARQUEOLOGIA DA ESCRAVIDÃO: CAMPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM PELOTAS

LÚCIO MENEZES FERREIRA  
Arqueólogo e Professor

O objetivo desse pequeno texto é apresentar o que estuda a arqueologia da escravidão e quais são nossas expectativas ao trabalhar com esse tema na região meridional do Rio Grande do Sul. A Arqueologia da escravidão, como disciplina da Arqueologia histórica, emergiu a partir dos anos 1960, associando-se às escavações das ruínas das treze colônias e das plantations. O objetivo das escavações era subsidiar os projetos, então em curso, de restauração dos edifícios das plantations, numa clara política de preservação e de culto dos artefatos dos “pais fundadores” da nação. Contudo, esses primeiros trabalhos arqueológicos identificaram, quase por acaso, cultura material escrava. O trabalho inicial da Arqueologia da escravidão foi, assim, a classificação tipológica dos artefatos encontrados. Um exercício mundano, mas muito necessário frente ao desconhecimento quase completo da cultura material escrava, naquele momento.

Supunha-se, até então, que os escravos não haviam confeccionado uma abundante e expressiva cultura material. Duas foram as premissas dessa suposição. A primeira, lançada pela historiografia dos anos 1960, argumentava que a traumática experiência da escravidão destruiu as memórias e o conhecimento das tradições culturais construídas na África por milênios. Os africanos, transpostos de forma violenta para os contextos culturais do Novo Mundo, explorados à exaustão pelo sistema escravista, poucas chances tiveram para sustentar e reconfigurar suas cosmologias. A segunda premissa foi pontuada, também nos anos 1960, pelo arqueólogo Ivor Noël Hume. Com efeito, Noël Hume materializou o argumento historiográfico sobre a perda das tradições culturais e cosmologias dos africanos no Novo Mundo. Para ele, as cerâmicas “simples” encontradas nas plantations, conceituadas por ele como colonoware pottery, indicavam um declínio do estilo africano de fabricá-las. Essas cerâmicas comprovavam o processo de aculturação dos escravos aos contextos culturais do Novo Mundo. Nessa linha de raciocínio, isso significa que os escravos teriam esquecido como fazer cerâmicas, na medida em que se tornaram mais europeizados graças aos contatos com os “senhores” e suas louças européias e porcelanas chinesas.

A essas duas premissas contrapuseram-se os trabalhos arqueológicos desenvolvidos a partir de meados dos anos 1970. É verdade que, já nos anos 1940, o antropólogo Melville Herskovitz argumentara que os escravos africanos retiveram muitos de seus padrões culturais e cosmologias nos Estados Unidos. Porém, foram os arqueólogos Charles Fairbanks e Leland Ferguson que – ao escavarem as vivendas escravas das plantations, bem como compulsarem corpora de documentação escrita, iconográfica e etnográfica –, refutaram a ideia de

aculturação dos escravos.

Procurando processos de reprodução das cosmologias africanas nas plantations, enfatizaram a farta produção de artefatos pelos escravos. Sobre as cerâmicas, por exemplo, argumentaram que a produção de tipo africano denotava uma forma de resistência escrava, expressa, sobretudo, no preparo de comida. Nessa perspectiva, a manufatura dessa cerâmica implicava a tentativa de estabelecer e manter suas diferenças culturais no interior das plantations. James Deetz, por exemplo, asseverou que a cerâmica de estilo africano foi fabricada somente após os escravos serem transferidos das casas dos senhores para suas próprias habitações, quando surgiram, depois de 1680, as grandes fazendas escravistas. Assim é que, desde o final dos anos 1980, outros arqueólogos, como Charles Orser Jr. e Theresa Singleton, organizaram uma importante linha de pesquisa, rastreando, nas plantations, as formas de organização da paisagem como expressão de relações de poder, relacionando a questão da autonomia escrava e dos mecanismos de controle dos “senhores” com a preservação e processos de transformação dos traços culturais africanos no Novo Mundo. De modo que, nas últimas décadas, a Arqueologia da escravidão institucionalizou-se, ampliando o número e a qualidade de suas pesquisas; discutindo, de forma consistente, os fenômenos da diáspora africana, ou, como diria Frederick Knight, os processos de “africanização das Américas”.

Desde 2010, a equipe do Laboratório Multidisciplinar de Investigação Arqueológica, do Instituto de Ciências Humanas da UFPel, vem desenvolvendo, em Pelotas, pesquisas em arqueologia da escravidão. Temos trabalhado com importantes arqueólogos, pioneiros nessa área, como o próprio Charles Orser Jr, mencionado mais acima, e o arqueólogo cubano Gabino La Rosa Corzo. Nossa expectativa é que nossas pesquisas revelem, na região Meridional do Rio Grande do Sul, os processos de “africanização das Américas”. Nesse momento, já escavamos a charqueada Santa Bárbara, que pertenceu a Vieira Vianna. A partir de setembro de 2014, escavaremos a área do Passo do Negros, mais especificamente, a Chácara da Brigada. Já iniciamos, também, trabalhos com comunidades quilombolas. Devemos considerar que, entre 1561 e 1869, o Brasil recebeu 5 milhões de escravos africanos (a cifra total, para toda a América, é de 11 milhões!). Do ponto de vista arqueológico, ainda conhecemos muito pouco dessa população que aportou, a partir do final do século XVIII, em nossa região. Nosso objetivo, assim, é entender melhor o cotidiano dessas populações escravas, suas ações sociais e as marcas culturais que elas legaram a nossa região.



## NUNCA É DEMAIS LEMBRAR: A CELEBRAÇÃO É UMA CONQUISTA E NÃO UMA CONCESSÃO

**CAIUÁ AL-ALAM**

Historiador e Professor

A História é tecida na experiência dos indivíduos no tempo e certamente as celebrações em torno dos valores da negritude são uma conquista da comunidade negra.

Desde o associativismo negro no século XIX, perpassando experiências como da Frente Negra Pelotense, o movimento negro em época de ditadura militar com o Dia da Consciência Negra, e mais tarde com o Cabobu no final da década de 1990, a história de africanos e afrodescendentes vem rompendo o silêncio imposto por intelectuais e governos embriagados pelo frenesi europeu.

Aliás, impressiona olhar para o contexto dos 1800 em Pelotas, uma realidade também do país, e observar o aparato institucional forjado para cercar a sociabilidade negra. Aqui se ergueram prisões, forcas para a prática da pena de morte, se organizaram polícias particulares, viabilizaram-se maiores contingentes da polícia provincial, do Exército e Marinha, e ainda assim as elites locais viam pipocar na região estratégias de liberdade. Entre 1860 e 1880, o maior delito registrado como motivo de prisões nos livros da cadeia civil de Pelotas, relacionados aos escravos, era o de andar fora de hora pelas ruas da cidade sem a autorização dos senhores.

As experiências de africanos e afrodescendentes em Pelotas escapavam da malha repressiva das elites, mas não podemos perder de perspectiva a vivência destes homens e mulheres negros com a repressão, o que certamente vem marcando as gerações destas famílias num ritual constante de superação.

Foi-se o tempo que não existiam estudos a respeito destas experiências. Não há mais desculpa para se utilizar passivamente alguns livros tradicionais da cidade, sem uma crítica aguçada sobre os motivos que os levaram a tecer a invisibilidade destas experiências ou de mostrar o negro sob o viés da passividade. Hoje as universidades locais e também outros grandes centros universitários do país, tem exercitado o reconhecimento da trajetória do povo negro na cidade e região, de diferentes perspectivas. Basta a pessoa procurar na internet nos sites de busca geral, ou pesquisar nos sites de bibliotecas de universidades como UFPel, FURG, UFRGS, PUCRS, UNISINOS, ou até mesmo UFRJ e USP, que os trabalhos aparecerão para baixar e de forma gratuita.

Não só o mundo acadêmico tem produzido estas histórias, trabalhos pipocam de gente que não passou pelos bancos universitários e que devem ser reconhecidos também como legítimos. Fora de Pelotas existem experiências mais exercitadas com a publicização de livros escritos por lideranças religiosas, comunidades quilombolas, músicos, enfim, produzidos por pessoas que tem em suas gerações familiares experiências vivas do ritual de sobrevivência, de celebração da diáspora africana.

Ainda, a publicização destes trabalhos, acadêmicos ou não, tem sido vagarosa, devido à falta de recursos financeiros, e até mesmo, quando as políticas públicas existem, a burocracia do acesso a certos editais torna-se um problema a mais para a difusão destas obras.

Se hoje os trabalhos de História sobre as experiências de africanos e afrodescendentes ganham terreno, e se os direitos de celebração de certa forma vão sendo reconhecidos, ainda a comunidade negra sofre diariamente. Nunca é demais lembrar, e que não fique apenas na retórica, que a juventude negra é a que mais sofre com a violência no estado e no país; que os salários para homens e mulheres negros são menores que os de brancos; que a religiosidade de matriz africana continua a ser atacada como fora no passado. Aliás, o mundo acadêmico, inclusive para além da área de História, como no Direito, vem ressaltando estes descompassos: pegar estas diferenças é com todo o respeito negar tanto o saber científico produzido quanto o saber popular, que no cotidiano experiência por gerações as práticas de discriminação.

Certamente, os movimentos negros, e creio ser interessante reconhecer isto no plural para entender também a pluralidade dos discursos da negritude, continuarão a intensificar as manifestações de reconhecimento de suas trajetórias, reconhecidos pelo Estado ou não, e a História continuará a registrar seus movimentos de luta.

A produção sobre as histórias do povo negro na cidade e região já é uma realidade, devemos intensificar este movimento e também encontrar melhores formas de publicizá-la: as pessoas tem o direito de conhecer e refletir sobre suas trajetórias. E este, também é um dever do Estado.



## «NÓS CULTUAMOS TODAS AS DOÇURAS» RELIGIÕES DA MATRIZ AFRICANA E A TRADIÇÃO DOCEIRA DE PELOTAS

**MARÍLIA FLOÔR KOSBY**  
Antropóloga e Poeta

Durante a realização do Inventário Nacional de Referências Culturais – Região Doceira de Pelotas e Pelotas Antiga, iniciativa que buscou produzir conhecimento a respeito da criação, atualização e perpetuação da cultura doceira pelotense para registrá-la como patrimônio imaterial brasileiro, muitas foram as asserções que apontavam para a presença de imigrantes europeus na região como a única influência legítima na construção de tal tradição, o que envolve o saber fazer e o dar sentido à confecção, consumo e compartilhamento dos chamados doces finos e doces coloniais pelotenses.

No entanto, as pesquisas do INRC permitiram que se reconhecesse também a presença negra na construção de tais referências culturais. Mas isso só foi possível a partir do momento em que as investigações atentaram para a voz dos atores diretamente envolvidos no universo afro-brasileiro, pois, do contrário, a invisibilidade negra na configuração cultural da cidade era constantemente afirmada em frases como “os negros não contribuíram em nada, eles só mexiam os tachos”. O primeiro passo no sentido de se levar a sério a ideia de que esta afirmação não passava de uma idealização discriminatória se deu quando pais e mães de santo se tornaram interlocutores da pesquisa, em decorrência de elucidarem os pesquisadores sobre o significado das oferendas de doces aos orixás, na liturgia do Batuque (ou Nação) – que como tantas outras manifestações, é fruto da experiência no Rio Grande do Sul dos africanos e seus descendentes, desterritorializados de sua terra natal para terem que aprender a viver entre outras experiências humanas.

Assim como outras categorias sensíveis que se atualizam nos rituais de oferenda, a doçura do mel, e a dos doces de Pelotas, é também a doçura da vida das pessoas, o carinho, o agrado, o requinte, a tranquilidade. Não é por acaso que os orixás de mel, Oxum, Iemanjá e Oxalá, são os orixás velhos, os pais, os sábios, aqueles em que não se deve colocar azeite de dendê nas oferendas. E mais, os outros nove principais orixás, os jovens e guerreiros, também chamados de orixás de frente, além de receberem o azeite nas suas oferendas, recebem também em muitas casas, o mel, pois, segundo um o pessoal de religião “não se pode ter só bravura na vida, na religião

nós cultuamos todas as doçuras”. A partir desta afirmação é possível remeter-se ao historiador Mario Osório Magalhães, que em Sal e Açúcar, associa a constituição da tradição doceira, no séc. XIX, à necessidade da sociedade charqueadora pelotense (bruta e cruel) de criar hábitos de delicadeza e refinamento para conseguir sobreviver a si mesma.

É no culto à doçura, portanto, que se atualiza e afirma a presença negra no processo de manutenção da tradição doceira de Pelotas. Fazer oferendas de doces pelotenses para os orixás ultrapassa as fronteiras da cidade ou da cor da pele, pois vai além dos doces enquanto produto de uma mistura de ingredientes, envolvendo-os em todo um campo de relações que abrangem potências sagradas, desejos, estratégias de negociação política, maneiras de viver o sensível e de atribuir sentido à materialidade.



Oferendas de doces aos Orixás.



## RODOLPHO XAVIER: NEGRO, FLÂNEUR E MEMORIALISTA

LÚCIO XAVIER  
Historiador

Era 11 de maio de 1874, a escrava Eva Ignácio entrava a passos arrastados no terreiro da Cerquinha. Ainda com as marcas e as lembranças do parto na noite anterior, entregava em oferenda o Omolokum prometido a Oxum: Ore Yèyé o! Chamemos a benevolência da mãe! Um dia depois de dar à luz, trazia nos braços o pequeno Rodolpho, - Iyálódóde, que permitiu meu rebento nascer livre, peço agora que o conserve livre para toda a vida!

Aos dez anos de idade, o menino concluía o curso de alfabetização, promovido na Bibliotheca Pública Pelotense. Teve em seu irmão, o escravo Antônio Baobab, seu grande exemplo e mestre, no sentido da formação pessoal e intelectual; primeiro na questão da leitura e escrita, em seguida, no aprendizado do ofício de chapeleiro, firmando-se depois como pedreiro. Assim, cresceu acompanhando a luta de Baobab em busca de alternativas de enquadramento social, em um sistema que impunha uma série de condicionantes aos representantes da etnia negra, e para a integração dos trabalhadores na incipiente sociedade capitalista.

Durante a fase adulta, se destacou como importante líder sindical, participando ativamente de diversas diretorias de organizações de classe e de associativismo negro. Foi um dos principais e o mais longo articulista do jornal A Alvorada, fundado em 1907, por um grupo de operários negros, com o propósito de lutar contra a discriminação étnica e posicionado em defesa do operariado pelotense. Já em 1908, Rodolpho aparecia como um de seus mais ativos articulistas. Em seus escritos, apresentava temas como política, religião, tradições, costumes e economia, exibindo abordagens referentes ao preconceito étnico e à organização da classe operária.

Entre os diversos argumentos e estratégias que o articulista utilizava para instrumentalizar a luta de negros e operários, destacava-se a volta ao passado, trazendo para as páginas do presente, fatos, personagens, ideias e demais elementos que pudessem dar base à formulação de seu discurso. Em artigo publicado às vésperas das comemorações do 13 de maio, no ano de 1935, Rodolpho fazia severas críticas aos negros de Pelotas, pelo fato de a maioria

buscar o branqueamento da “raça”, demonstrando, segundo ele, a vergonha daqueles indivíduos em pertencerem ou descenderem da etnia negra.

Contra isso, Xavier relatava o episódio, ocorrido no ano de 1890, em que cerca de 50 ou 60 pretas minas, quitandeiras, invadiram a Secretaria da Câmara Municipal para protestarem contra a cobrança de impostos de vendas pelas ruas, a fim de trazer aos negros de sua época subsídios que despertassem o orgulho de uma luta legítima de seus antepassados, de ser negro, e de buscarem seus direitos em vez de negarem suas origens e desejarem “embranquecer a raça”. Passados os anos, seguidamente a história da Oxum e voz da mãe escrava vinham à memória de Rodolpho, e naquele dia, ali parado na esquina da Rua Marechal Floriano, aos 79 anos, o velho cronista do jornal A Alvorada parecia, definitivamente, entender o significado daquilo. Perambulando pelas ruas de Pelotas, parava o olhar nas águas paradas do Arroio Santa Bárbara e rabisca no seu bloco de notas, alguns caminhos para a crônica do dia seguinte. Ansiava por um texto que falasse de liberdade, da luta dos seus antepassados; acreditava que ainda possuía forças para reunir a classe operária e combater o preconceito aos negros. Mas com a memória já lhe traindo, restava-lhe apenas procurar nas ruas da cidade atalhos para a referência da mãe, seu mito com a Oxum, e, principalmente, para sua própria trajetória.

Naquele exato momento, todos os matizes dos cativados, dos palanques, das ombreadas com os companheiros de sindicato, toda poesia, todo o amargo de irromper percursos se reuniam para apontar o quanto daquele arroio, daquela trajetória e daquele sentido de liberdade haviam morrido dentro daquele andarilho. Sobrara apenas, e como de costume, a voz da mãe, que pela última vez o conduziu através do curso lento do Santa Bárbara. Naquele mesmo dia, ainda deteve-se, demoradamente, na porta do antigo terreiro da zona da Cerquinha, mas não entrou. Sentiu receio de prometer em oferenda qualquer Omolokum, pois agora, acreditava que sem a luta diária de cada negro de Pelotas, nem mesmo Oxum teria forças para libertar aquela cidade, escrava das suas próprias nostalgias.



## ÍCONES INESQUECÍVEIS: A RECENTE CONTRIBUIÇÃO NEGRA EM PELOTAS

**FÁBIO GONÇALVES**  
Historiador e Professor

"( ) trata-se do valor em desbravar. Trata-se, sobretudo da coragem de alguns homens e mulheres que irromperam o que parecia intransponível (...)Trata-se de um valoroso legado Negro..."

Gonçalves, F.S. – in, O justo valor – Reminiscências do Povo d'aqui.

Pelotas transpira – em cada praça, em cada rua, em cada beco e em cada viela, a contribuição do Povo Negro - acumulada desde o esboço do que outrora fora freguesia, até os dias de agora. Incontáveis são os exemplos, de homens e mulheres, negros e negras, que puderam contribuir para que pudéssemos desfrutar da pujança havida durante o período das charqueadas, época da estruturação urbano social que perdura até hoje. Tristemente, a devida valorização, mesmo no pós cativo, nunca houve, tornando ainda mais antológica a ferida aberta por conta dos séculos de holocausto sofrido. Infundados rumores sobre uma história sem memória e uma desorganização supostamente típica, buscaram sem sucesso, justificar a existência da abissal dívida social e humanitária, para com o legado e as contribuições permanentes da população negra pelotense. Ora, sabe-se que, desde o pisar do primeiro negro em solo brasileiro, houve insurgência e a não aceitação natural da condição de animalização. A cidade de Pelotas, se presta de maneira exemplar à contribuição dessa ideia. Inúmeras foram as revoltas lideradas por negros aqui, desde sempre, buscando – predominantemente – a quebra do sistema sagaz que coisificava homens e mulheres cativos.

As consequências da resistência e da luta permanentes, transpassaram os tempos e ecoaram forte – como o ufar de um sopapo – estremecendo os dias atuais, através do trabalho exemplar de representantes extraordinários como por exemplo, o saudoso **"Tio Mira"** – Incansável folião, diretor, conselheiro e presidente das mais relevantes entidades carnavalescas pelotenses durante os idos anos 80. Com seu trabalho focado na integração, especialmente entre as crianças de todas as raças, possuía inabalável crença num futuro menos desigual, partindo da semente plantada no coração de meninos e meninas e meninas, hoje certamente, adultos mais íntegros e menos preconceituosos.

No campo da educação, é impossível não reconhecer a imensurável contribuição de uma das mulheres negras mais guerreiras que nossa cidade já viu: **Maria Helena Vargas** – a 'Helena do Sul' - trazendo sempre a influência de seus avós, precursores da imprensa negra no país, publicou mais de uma dezena de obras literária pautadas na busca pela erradicação das desigualdades étnicas principalmente.

Seu trabalho na capital federal, especialmente no Ministério da Educação, foi determinante para que valorosas experiências educacionais inclusivas pudessem ser realizadas em Pelotas. Na mesma seara, tivemos o privilégio da convivência com o douto e extremamente lúcido, **'Professor Jorge'**, geógrafo, crítico e admirável militante do movimento negro das últimas décadas. 'Entorpeciam os ouvintes a cada abordagem', ainda lembram muitos que tiveram o privilégio de ouvi-lo. Amplamente citado nas conversas acerca da busca pela erradicação das discriminações, foi incomparável palestrante e difusor de ideias que intuía a compreensão com fins da superação das desigualdades étnico raciais na região. O ramo musical, nos brindou com as figuras emblemáticas, impossíveis de serem esquecidas, como a do querido artífice **'Mestre Batista'** e do competentíssimo ritmista **'Giba Giba'**, ambos cantores e compositores de alcance internacional, revitalizadores do tambor conhecido como 'sopapo', hoje legado reconhecido em todas as partes do país (e fora dele), para o orgulho da antiga Freguesia de São Francisco de Paula. Tão valorosa quanto, em termos musicais, pudemos desfrutar da passagem da belíssima negra **'Giamaré'**, com atuação e voz inconfundíveis, que encantaram a região e o restante do Brasil, entoando cantos locais e músicas culturalmente consagradas, todas elas sublinhando sempre a valorosa história e célere contribuição do povo negro, por todas as partes em que esteve e permanece, desde sempre. No campo da luta social, pautada no Movimento Negro de resistência, impera o reconhecimento a figura do líder **'Rubinei Machado'**! Presidente do Conselho para Participação e o Desenvolvimento da Comunidade Negra, depois de sua rearticulação, no ano de 2009, pôde, desde sua erradicação em Pelotas, contribuir de maneira inquestionável para o avanço das aspirações político-sociais da comunidade local, especialmente vinculadas a percepção por parte dos gestores





executivos do município. Homem de posições fortalecidas por uma vida inteira de luta e politização. Sem intransigências, no entanto, firmemente, defendia como ninguém a necessidade de valorização e de reparação da população negra, para além da ideia de favorecimento e assistencialismo. Revitalizou o centro de resistência negra conhecido como Clube Cultural Fica Ahi P'ra Ir Dizendo, com atuação dinâmica e pró-ativa.

Steve Biko, costumava dizer que: "É melhor morrer por uma ideia que vai sobreviver, do que viver por uma ideia que morrerá!".

Talvez essa expressão sintetize, ainda que de forma pormenorizada, o sentido da imensurável contribuição dos homens e mulheres citados... E nos revigore o espírito, ao nos sentirmos, por vezes, cansados ou 'de banzo'(entristecidos). Para que possamos compreender sempre que há um sentido maior para a luta pela igualdade racial em todos os seus aspectos, e para que possamos nos mirar nos exemplos céleres dos que nos antecederam, e entregaram literalmente a vida, em nome de uma causa, para que hoje pudéssemos todos, negros e não negros, desfrutar de melhor sorte.

É certo que muito ainda há que se fazer!  
Miremo-nos nos exemplos, nas vidas e nas obras desses verdadeiros heróis e heroínas pelotenses!  
Saravá Aye Abá!



## Dia do Patrimônio

# PROGRAMAÇÃO

	LOCAL	DATA	HORÁRIO	ATIVIDADE
1	Clube Cultural Fica Ahí	Sábado e Domingo	14h às 17h	Visitação guiada ao Clube e Biblioteca Negra.
		Domingo	14h30min	Apresentação Musical com Daniela Brizolara.
		Domingo	15h	Lançamento da coletânea Negras Palavras de autores negros gaúchos com a presença neste trabalho de três escritores pelotenses. Organização do livro: Oscar Henrique Cardoso.
		Domingo	16h	Apresentação de Dança Afro do Clube Cultural Fica Ahí.
2	Casarão 2	Sábado	10h30min	Palestra: «Sítios arqueológicos pré-coloniais de Pelotas» com Prof <sup>o</sup> Dr <sup>o</sup> Rafael Milheira (UFPEL).
		Sábado e Domingo	10h às 17h	Exposição «A alma das casas» de Beatriz Rodrigues na Galeria Antônio Caríngi: Mostra de fotografias em diferentes dimensões sobre a pesquisa no interior de uma demolidora, além de uma série de intervenções sobre a superfície fotográfica, denominada «Ensaio de Palavra - Imagem».
		Sábado e Domingo	10h às 17h	Exposição de Banners: «Projeto de Intervenção no Teatro Guarany - 7º Semestre Arquitetura e Urbanismo/Ucpel no Bistrô»: Desenvolvidos na disciplina de Atelier VII.
		Sábado e Domingo	10h às 17h	Exposição: «Cultura material provenientes de sítios arqueológicos pré-coloniais da região de Pelotas». LEPAARQ/UFPEL.
		Sábado	14h	Brincando com o Patrimônio no pátio interno: Resgate do Patrimônio imaterial através do lúdico, com brincadeiras antigas e jogos diversos elaborados pelos alunos do curso de turismo com temas voltados a Educação Patrimonial. Turismo/UFPEL.
Sábado e Domingo	14h às 18h	Gastronomia Patrimônio Cultural no Bistrô: Degustação de preparação de culinária africana, por chefes de restaurantes de Pelotas Associados da Abrasel.		
3	Casarão 6	Sábado e Domingo	10h às 17h	Visitação Guiada - Grupos formados à cada meia hora.
		Sábado	10h	Palestra: «Comunicação Visual em imóveis históricos». SECULT/ UFPEL.
		Sábado	10h às 17h	Exposição: «Vestimentas religiosas de Matriz Africana».
		Domingo	10h às 17h	
		Sábado	14h	Patrimônio Material: Designer, imagens e inventário do mobiliário do Clube Comercial de Pelotas/RS. Apresentação oral IFSUL/PELOTAS.
		Sábado e Domingo	10h às 17h	Exposição Pelotas «202 anos: Restauração de Pinturas do acervo do Paço Municipal 2ª parte»: Exposição de 18 pinturas pertencentes ao acervo do Paço Municipal da Prefeitura de Pelotas que passaram por processo de restauração pelo Curso de Conservação e Restauo de Bens Culturais do ICH/UFPEL.
		Sábado	15 h	Conversa com a artista Beatriz Rodrigues sobre a trajetória da pesquisa «Alma das casas».
		Domingo	10h	Palestra «Referência de um povo» com Ana Paula Medeiros Prof. do IEEAB.
Domingo	10h às 17h	Exposição: «Comunicação Visual em imóveis históricos». SECULT/ UFPEL.		
4	Casarão 8	Sábado e Domingo	10h às 17h	Atividade lúdica para crianças: «Brincando com o Patrimônio»: Serão disponibilizados jogos e brincadeiras com a temática: Patrimônio edificado e Patrimônio imaterial de Pelotas. Turismo/UFPEL.
		Sábado e Domingo	10h às 17h	Exposição: «Estudos Volumétricos, Afinidades criativas socioculturais no ensino de Desenho e Geometria» desenvolvidos pelos alunos da área de Design/IFSUL e Matemática/UFPEL, envolvendo o tema Monumentos Históricos da cidade. Esses volumes são expressos através de estudo histórico, maquetes e, em especial, embalagens para doces de Pelotas.
		Sábado e Domingo	14h às 17h	Visitas Mediadas com alunos do curso de Museologia UFPEL, onde será apresentada a casa, a sua história, o restauro e o projeto do Museu do Doce da UFPEL.



	LOCAL	DATA	HORÁRIO	ATIVIDADE
4	Casarão 8	Sábado e Domingo	14h às 17h	Exposição «Pinturas Decorativas - Resgatando Técnicas» Resultado das atividades práticas desenvolvidas na disciplina de Introdução à Conservação e Restauro ICH/JFPEL. Tem objetivo de resgatar as técnicas aplicadas às paredes, assim como revestimentos dos prédios históricos da cidade de Pelotas.
5	Paço Municipal	Sábado e Domingo	10h às 17h	Visitação Guiada - Grupos formados a cada meia hora, incluindo o Memorial dos Prefeitos.
		Sábado e Domingo	10h às 17h	Exposição de Seli Nachtigall Maurício: «Desenhos».
		Sábado e Domingo	10h às 17h	Exposição de artistas negros: Zé Darcí, Laura Barbosa, Jonas Fernando, Edilaine e Valdir Ferreira: «Trajetórias Compartilhadas».
6	Parque e Museu da Baronesa	Sábado e Domingo	14h30min e 16h	Visita monitorada, para grupos de até 25 pessoas, com distribuição de senhas, no museu.
		Sábado	16h30min	Dança Afro com a Cia. Daniel Amaro no interior do Museu. - «Dança dos Orixás».
		Sábado e Domingo	14h às 17h	Coleção: acervo sacro do Museu da Baronesa e o sincretismo religioso. Visitação com passe-livre.
		Domingo	13h30min às 17h30min	Cross Country Dia do Patrimônio: Será montado circuito a ser percorrido de bicicleta dentro da área do parque, sendo disputado por categorias divididas por idade ou nível técnico.
		Domingo	14h	DJ Vagner.
		Domingo	14h30min	Vicente Pimentero.
		Domingo	15h	Dança Afro com a Cia Daniel Amaro. - «Dança dos Orixás».
		Domingo	15h30min	Dmix Charm Rappers.
		Domingo	16h	Capoeira.
		Domingo	16h30min	Encerramento com DJ Vagner.
7	Theatro Guarany	Domingo	14h, 15h, 16h e 17h	Visita guiada: A história do Theatro será contada desde a sua fundação e apresentado acervo de trajes e maquinário, bem como os novos camarins temáticos. Valor por pessoa: R\$ 5,00.
9	Mercosul	Sábado e Domingo	10h às 17h	Visitação guiada ao prédio do Mercosul.
10	MALG	Sábado e Domingo	10h às 17h	Exposições no Museu Leopoldo Gotuzzo - MALG: Outro museu: «As doações recentes ao acervo do MARCS». E «Figurativa: Desenhos e pinturas de Leopoldo Gotuzzo».
		Sábado e Domingo	10h às 17h	Visitação guiada ao prédio do Museu Leopoldo Gotuzzo - MALG.
11	Quiosque Nelson Nobre	Sábado	09h às 14h	Exposição Fotográfica «Dia do Patrimônio» com fotos do acervo de Nelson Nobre Magalhães, com a temática da herança cultural africana na história de Pelotas.
12	Praça Coronel Pedro Osório	Sábado e Domingo	14h e 16h	Passeio guiado pela SDET - Roteiro de Arquitetura da Costa Doce. - Percurso Centro Histórico. Saída em frente ao Paço Municipal.
13	Cia dos Livros	Sábado	15h30min	Hora do Conto: Contação de Histórias para crianças com Cia. Dos Livros.
14	Praça Coronel Pedro Osório	Domingo	15h30min	
15	Esplanada do Theatro Sete de Abril	Sábado	17h	Sete ao Entardecer - «A arte para todos»: Vários números mostrando técnicas diversas, Ballet Clássico, Contemporâneo e Neoclássico.
16	Museu da Colônia Francesa	Domingo	10h às 16h	O Patrimônio Cultural Quilombola no Museu da Colônia Francesa: - Visita à exposição «O Patrimônio Cultural Quilombola» mediada pela pesquisadora e curadora Cristiane Ávila.
		Domingo	14h	Oficina para a comunidade do Alto do Caixão e arredores ministrada pela Dr <sup>a</sup> Louise Prado Alfonso.

## PROGRAMAÇÃO

	LOCAL	DATA	HORÁRIO	ATIVIDADE
17	Mercado Público Central	Sábado	10h	Abertura do Evento.
		Sábado	10h às 11h	Talk Metal: Música Instrumental (Saxofone).
		Sábado	10h às 17h	Mercado das Pulgas no Largo do Mercado: Feira de antiguidades, coleções e brechós com o objetivo de expor, vender e/ou trocar objetos.
		Sábado e Domingo	10h às 17h	Feira de Hip Hop no pátio interno do Mercado: Palestras, mesas redondas, trocas de experiências, CD'S, camisetas, confecção de dreads, tranças, graffiti, aulões de dança (street), Djs.
		Sábado	11h às 14h	Roda de Choro no Largo do Mercado: A proposta é reunir chorões aos sábados pela manhã, contar casos e histórias, vivendo e revivendo o choro, mantendo assim a tradição deste gênero musical em Pelotas.
		Sábado	16h30min	Exposição «Mais além do fim do mar», de Beatriz Rodrigues, resultado de uma pesquisa (2009-2012) em fotografia sobre a noção de sagrado nos rituais de matriz africana em homenagem ao Orixá Iemanjá.
		Domingo	10h às 17h	
		Sábado e Domingo	10h às 17h	«O Espaço Religioso em prol do social e comunitário». Iyá Gisa D'Oxalá e Paulo D'Xangô.
		Sábado e Domingo	14h às 17h	«Narrativas: coleta de histórias sobre o nosso Patrimônio no Largo do Mercado». Uma ação artística que coletará através de áudio e vídeo as histórias que a população em geral tem sobre o patrimônio Pelotense.
		Sábado	14h às 17h	A Herança Cultural Africana na Gastronomia Pelotense: Degustação de pratos típicos africanos que lembram a formação da identidade africana na cidade. Na Torre do Mercado Central, entre XV e Tiradentes. SENAC.
		Sábado	14h15min	Cia de Dança Tavane Viana: Com duas apresentações de dança na modalidade Jazz e Estilo Livre (Solo - Duo). (tablado).
		Sábado	14h30min	Bloco da Lata e Mister Pelé (Cover). (tablado).
		Sábado	15h	Dança Sênior: Apresentação de dança com o grupo Vida Ativa da Associação Cohab Tablada. (tablado).
		Sábado	15h30min	Dança Afro com o Clube Cultural Fica Ahí. (tablado).
		Sábado	15h50min	Coreografia relacionada a cultura Afro: Estúdio Uni Dança. (tablado).
		Sábado	16h	Hip Hop - Narrador Kaianga de Porto Alegre. (tablado).
		Sábado	16h30min	Capoeira com mestre Jarrão. (tablado).
Sábado	17h	Roda de Samba no Mercado, com grupo Renascença.		
Sábado	17h			
Domingo	14h às 17h	A Herança Cultural Africana do Cabelo e Maquiagem nos dias atuais. Serão desenvolvidos penteados culturalmente afros e maquiagem adequada aos diferentes tons de peles. Torre na XV com Tiradentes. SENAC		
18	Charqueada da Boa Vista	Sábado e Domingo	13h30min	Saída do ônibus do Mercado Central - 40 vagas para cada dia. Senhas retiradas no Mercado (Posto de informações turísticas), no período de 11 à 15 de agosto.
19	Quartel Legalista " Antiga Casa da Banha"	Sábado	10h às 17h	Abertura da casa sede da Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Turismo para visitação e informação sobre sua história.
		Domingo	13h às 17h	
20	Ateliê Agência da Arte	Domingo	14h às 17h	Mostra Fotográfica «Garimpo Patrimonial Pelotense»: A fotógrafa Rejane Botelho apresenta mostra de fotografias capturadas em roteiros passeios por sua cidade natal.
21	Sebrae – Sobrado da Família Moreira Ribas	Sábado	10h às 12h / 13h às 18h	Visitação guiada ao sobrado de 1850, com distribuição de material gráfico.
		Domingo	13h às 17h	
22	Biblioteca Pública Pelotense	Sábado e Domingo	10h às 17h	Visita guiada ao prédio e acervo, com intervenções de dança contemporânea com coordenação de Berê Fuhro Souto.
		Sábado e Domingo	14h às 17h	Vivência da Ação Griô: Com dinâmicas e contação de histórias da Mestra Griô Sirley Amaro e do Mestre Griô Dilermando Freitas.
		Domingo	16h	Dança / Teatro Contemporâneo Cia. Personal de Teatro e Dança.



	LOCAL	DATA	HORÁRIO	ATIVIDADE
23	Charqueada São João	Domingo	17h	Visita monitorada na casa, para 40 pessoas. Com senhas distribuídas no Posto de informações turísticas do Mercado Central, no período de 11 à 15 de agosto.
24	Espaço de Arte Daniel Bellora	Sábado e Domingo	11h às 16h	Exposição: «Modelando Encontros». (Cerâmica). Cafeteria com produtos diferenciados.
25	Spazio Auguri	Sábado e Domingo	10h às 17h	Exposição de obras dos artistas que integram o MAPP (Movimento dos Artistas Plásticos de Pelotas). Sociedade Espírita Assistencial Dona Concelção: Bar e bazar.
26	M. Tower Apart Hotel	Sábado e Domingo	14h às 18h	Nos dias 16 e 17 o hotel oferecerá 40% de desconto nas diárias às pessoas que mencionarem o Dia do Patrimônio.
				No local existirá mostra de obras dos irmãos Choer, as quais pertencem ao acervo do hotel, normalmente expostas nos apartamentos.
				Visitação ao terraço no 11º andar, à população em geral, para contemplação da vista panorâmica da cidade.
27	Catedral São Francisco de Paula	Sábado e Domingo	10h às 17h	Cafeteria estará aberta, onde será possível desfrutar de chá, café e bolos produzidos no próprio hotel.
				Visitação guiada ao interior da Catedral.
	Katanga's Bar	Domingo	10h às 17h	Exposição sobre Luciana de Araújo, filha de escrava e fundadora do Instituto São Benedito.
	Casa Fora do Eixo	Domingo	14h às 21h	Xarque Ocupa o Katanga's: Exposição da instalação «Matança», por Gê Fonseca. Roda de Conversa.
29	Restaurante Popular	Domingo	14h30min às 17h	Sofá na Rua com as bandas: Solo Fértil e Be Livin, intervenções artísticas e teatrais e feira de economia solidária.
30	Conservatório de Música	Sábado	10h às 16h	Vivência Afro: Roda de Capoeira, coral afro, feira do artesanato. Sob a coordenação da Yalorixá Nara Louro da Associação Olojukan.
31	Clube Caixeral	Sábado e Domingo	14h às 17h	Visita guiada ao prédio.
				Visitação ao clube com destaque ao mobiliário adquirido especialmente para receber a visita da Princesa Isabel.
32	Rua Anchieta entre a rua Sete de Setembro e a Praça Coronel Pedro Osório.	Sábado	10h às 17h	Exposição fotográfica sobre a história do clube, com destaque à trajetória da rainha do clube Yolanda Pereira, primeira brasileira a conquistar o título de Miss Universo em 1930.
				Batalha de Skate de Rua com Street Life Style.
33	Cidade do Samba	Domingo	14h	Apresentação do Bloco da Lata e Mister Pelé (Cover).
		Domingo	14h30min	Apresentação com Grupo Show da Escola de Samba Mirim Mocidade do Simões.
		Domingo	15h20min	Apresentação da Banda Carnavalesca Xavabanda, Harmonia, Bateria com grupo Show.
		Domingo	16h	Apresentação da Banda Carnavalesca Kibandaço com seu grupo Show.
34	Associação Comercial	Sábado	15h às 17h	Ação Artística: «Olhar das Nuvens». Ver a vista, tomar chá e ouvir música no terraço.
35	Instituto João Simões Lopes Neto	Sábado e Domingo	10 às 17h	Visita mediada ao prédio, que foi residência do escritor João Simões Lopes Neto.
36	Rua Lobo da Costa entre Félix da Cunha e Gonçalves Chaves	Sábado e Domingo	10h às 17h	Feira de Artesanato Pelotense.
37	Restaurante Amor Amora	Sábado e Domingo	Almoço e Jantar	Prato: Dia do Patrimônio com influências Africanas. Servido em um porongo estilizado, confeccionado pelos artistas Gê Fonseca e Madu Lopes, à partir do dia 11 de agosto.



## Dia do Patrimônio

# LOCAIS E ENDEREÇOS:

Endereços dos locais onde ocorrerão as atividades do Dia do Patrimônio:

### **Clube Cultural Fica Ahí**

Rua Marechal Deodoro, 368.

### **Casarão 2**

Praça Coronel Pedro Osório, 2.

### **Casarão 6**

Praça Coronel Pedro Osório, 6.

### **Casarão 8**

Praça Coronel Pedro Osório, 8.

### **Paço Municipal**

Prefeitura Municipal de Pelotas  
Praça Cel. Pedro Osório, 101.

### **Parque e Museu da Baronesa**

Avenida Domingos de Almeida, 1490.

### **Theatro Guarany**

Rua Lobo da Costa, 849.

### **Mercosul**

Rua Andrade Neves, 1529.

### **MALG**

Rua General Osório, 725.

### **Quiosque Nelson Nobre**

Calçadão do Rua Quinze de Novembro  
e Rua Sete de Setembro.

### **Cia dos Livros**

Rua Quinze de Novembro, 559.

### **Esplanada do Theatro Sete de Abril**

Praça Coronel Pedro Osório, em frente ao  
Theatro Sete de Abril.

### **Museu da Colônia Francesa**

7º Distrito de Pelotas- Quilombo.

### **Mercado Público Central**

Praça Sete de Julho.

### **Charqueada da Boa Vista**

Estrada da Costa, 1352.

### **Quartel Legalista "Antiga Casa da Banha"**

Rua Félix da Cunha, 603.

### **Ateliê Agência da Arte**

Rua Padre Anchieta, 3051.

### **Sebrae**

Sobrado da Família Moreira Ribas  
Rua Félix da Cunha, 618.

### **Biblioteca Pública Pelotense**

Praça Coronel Pedro Osório, 103.

### **Charqueada São João**

Estrada a Costa, 750.

### **Espaço de Arte Daniel Bellora**

Rua Três de Maio, 1005.

### **Spazio Auguri**

Rua Sete de setembro, 151.

### **M. Tower Apart Hotel**

Rua Félix da Cunha, 213.

### **Catedral São Francisco de Paula**

Praça José Bonifácio, 15.

### **Katanga's**

Rua Alberto Rosa, 01.

### **Casa Fora do Eixo**

Rua Almirante Tamandaré, 608, entre as ruas  
Quinze de Novembro e Andrade Neves.

### **Restaurante Popular**

Rua Três de Maio, 1068.

### **Conservatório de Música**

Rua Félix da Cunha, 651.

### **Clube Caixeiral**

Praça Coronel Pedro Osório, 100.

### **Cidade do Samba**

Praça da Alfândega, entre as Ruas Conde de Porto Alegre  
e Dona Mariana.

### **Associação Comercial**

Rua Sete de setembro, 274.

### **Instituto João Simões Lopes Neto**

Rua Dom Pedro II, 810.

### **Restaurante Amor Amora**

Rua. Dom Pedro II, 458.



## COMUNIDADES QUILOMBOLAS: INVISIBILIDADE AO RECONHECIMENTO

**ROSANE RUBERT**  
Antropóloga

Na área de Antropologia, pouco se produziu sobre a presença negra no meio rural antes de ser deflagrada toda uma demanda política com vistas à efetivação do Artigo 68 da Constituição Federal (ADCT), o qual concede direitos territoriais a descendentes de escravos, nomeados “remanescentes das comunidades de quilombos”. O termo “quilombo”, usado comumente para indicar local de escravos fugidos, passou a abarcar a constituição e territorialização de grupos de ex-escravos(as) e descendentes que, por uma diversidade de estratégias de resistência, lograram instituir espaços de autonomia no interior de ordens sociais marcadamente discriminatórias, durante ou após a escravidão. Forjaram, desta forma, modalidades diferenciadas de ocupação da terra, denominadas comumente “terras tradicionalmente ocupadas”.

Atualmente, o Instituto de Colonização e Reforma Agrária do RS estima a existência de aproximadamente 180 comunidades negras que já se autodefinem como remanescentes de quilombos ou que estão em processo de autorreconhecimento. Várias destas comunidades estão situadas na metade sul do estado, especialmente na região das antigas charqueadas e imediações. Coerente com fatos históricos que apontam esta região como concentradora da mão de obra de africanos(as) escravizados(as), em razão da instalação das charqueadas a partir de 1780, abundam dados documentais sobre focos de resistência escrava manifestados na forma de rebeliões e fugas deliberadas com vistas à constituição de quilombos.

Coincidência ou não, pesquisas realizadas na região apontam a existência de vários territórios negros originados por meio da constituição de refúgios. Este seria o caso, por exemplo, das comunidades remanescentes de quilombos de Picada, Monjolo e Torrão, localizadas no município de São Lourenço do Sul, assim como da comunidade denominada Maçambique, localizada em Canguçu. Outras tantas comunidades se constituíram por meio de doação para ex-escravos(as) ou filhos(as) destes(as) de áreas impróprias às atividades agropecuárias predominantes; simples apossamento ou compra. Neste último caso, geralmente por parte de (ex)escravos que tinham alguma forma de inserção diferenciada nos postos de trabalho por habilidades especiais adquiridas (domador, por exemplo), ou por relações personalizadas com membros da elite agrária local.

Etnografias realizadas em comunidades quilombolas há mais de uma década indicam que, não obstante o longo processo de invisibilidade social ou até mesmo segregação racial, lograram manter formas singulares de existência. Estas são sustentadas pela presença de dispositivos singulares de inscrição e

transmissão da memória coletiva, especialmente a que se refere à ancestralidade escrava e/ou africana. Destacam-se, nesta direção, recorrências narrativas, como a do escravo enterrado pelo senhor junto com um montante de riquezas (ouro ou dinheiro), com a missão de resguardá-la, manifestando-se posteriormente na forma de assombros. Esta oralidade comumente está ancorada em marcadores territoriais, instituídos por meio da significação de porções da natureza (frutíferas, ervas de chá, acidentes geográficos, sementes raras, etc.) ou artefatos (fornos de pedra, cacimbas, marcos de antigas casas e galpões, etc.) indicadores dos antigos espaços de convivência, como taperas, roças, refúgios, dentre outros.

O modo de vida aparentemente simples que caracterizavam estas comunidades até pouco tempo requeria, na verdade, o domínio sobre um número significativo de operações técnicas, saberes e recursos produtivos. Fazer um rancho de pau a pique ou fabricar um pilão, por exemplo, demandava um minucioso conhecimento sobre as matérias primas a serem utilizadas, a fase ideal de coleta ou manuseio, as técnicas ideais de modelamento. Parte destes saberes e técnicas ainda são atualizados por parte de integrantes destas comunidades, necessitando, porém, de uma política de valorização e multiplicação. As atividades produtivas e curativas, por outro lado, apontam para o domínio sobre uma pujante agrobiodiversidade que era traduzido em uma culinária rústica, mas robusta, a qual passou a ser drasticamente empobrecida com o processo de modernização da agricultura.

É nesse sentido que nesses coletivos a não fragmentação do território (ou a sua recuperação) torna-se uma condição para o não esfacelamento da memória coletiva e para a manutenção de todo um patrimônio intangível. Observa-se ainda a necessidade de articulação entre estes repertórios de saberes e projetos de desenvolvimento social que respeitem os padrões culturais das comunidades, bem como programas de intercâmbio com centros educacionais (escolas, universidades) que promovam a difusão e valorização destes repertórios junto às novas gerações.



## LANCEIROS NEGROS FARROUPILHAS: HISTÓRIA, MEMÓRIA E IDENTIDADE.

VINICIUS PEREIRA DE OLIVEIRA / CRISTIAN JOBI SALAINI

Historiador e Professor / Antropólogo

Meses finais da Guerra dos Farrapos. Madrugada de 14 de novembro de 1844. Tropas imperiais comandadas pelo coronel Francisco Pedro de Abreu (1811-1891), o Moringue, atacam soldados farroupilhas que estavam acampados nas imediações do Cerro de Porongos, no atual município de Pinheiro Machado/RS, resultando na morte e na prisão de muitos. Em sua maioria, eram lanceiros negros, escravizados que lutavam no exército farroupilha em troca da promessa de alforria.

A Guerra dos Farrapos, ou Revolução Farroupilha (1835-1845), foi o maior dos conflitos internos enfrentados pelo governo imperial. Durante cerca de dez anos, uma parcela da elite rio-grandense, motivada por fatores políticos e econômicos, sustentou a revolta, chegando a proclamar a República Rio-Grandense em 1836. Somente nos últimos anos a importância da participação negra neste conflito tem recebido maior atenção. Hoje é possível afirmar com segurança que negros, indígenas e mestiços desempenharam papel fundamental no conflito não somente como soldados, mas também trabalhando em diversos outros setores importantes da economia de guerra, como nas estâncias de gado, na fabricação de pólvora e nas plantações de fumo e erva-mate cultivadas pelos rebeldes.

Para arregimentar soldados, os farroupilhas incorporaram escravos às suas fileiras, prometendo em troca a liberdade após o fim do conflito. De olho na alforria, alguns negros fugiram das propriedades onde eram mantidos escravos para aderir à luta. Outros foram cedidos por senhores que apoiavam a revolta. Já proprietários contrários ao movimento podiam ter seus escravos capturados à força, como aconteceu nas charqueadas de Pelotas. Estima-se que em alguns momentos os lanceiros negros tenham representado metade do exército rio-grandense.

No final da década de 1850 o político, charqueador e ex-líder farroupilha Domingos José de Almeida (1797-1859) denunciou publicamente o conteúdo de uma correspondência que teria sido enviada pelo então barão de Caxias (1803-1880) a Francisco Pedro de Abreu. Tratava-se da Carta de

Porongos, documento que conteria evidências de um acordo prévio entre Caxias (comandante do Exército imperial no conflito) e o líder farroupilha Davi Canabarro (1796-1867) com o objetivo de favorecer a vitória imperial no combate do Cerro de Porongos. Em determinado trecho, Caxias informaria a Francisco Pedro o local, o dia e o horário para o ataque, garantindo-lhe que a infantaria farroupilha estaria desarmada pelos seus líderes.

A partir de então, o Combate de Porongos gerou uma acalorada controvérsia entre os historiadores e estudiosos que se debruçaram sobre o tema. Com base na referida carta, surgiram acusações de que o general Davi Canabarro – comandante do destacamento de negros em Porongos – teria traído a causa farroupilha ao desarmar e facilitar a derrota dos lanceiros. Essa atitude teria como objetivo facilitar a assinatura do tratado de paz que vinha sendo negociado, já que o governo imperial era contra a ideia farroupilha de conceder a alforria aos escravos que lutaram como soldados. Por outro lado, negar a liberdade e mandar os lanceiros de volta às senzalas era algo não cogitado devido ao temor de que um grande contingente de escravos militarizados, politizados e insatisfeitos com o não cumprimento da prometida alforria inçuflesse levantes, dada a grande quantidade de escravos na província do Rio Grande do Sul.

As versões e interpretações sobre Porongos, entretanto, dão conta de um debate polarizado e não resolvido. Relatos da época, como o de Manuel Alves da Silva Caldeira, farroupilha presente em Porongos, afirmam que Canabarro teria sido avisado da aproximação de tropas inimigas e, mesmo assim, não teria tomado providência alguma. Pelo contrário, teria propositalmente desarmado e separado os lanceiros do resto das tropas acampadas perto do Cerro de Porongos. Dando crédito a estes argumentos, o episódio teria sido uma traição aos soldados negros.

A autenticidade da Carta de Porongos, porém, é questionada por alguns estudiosos, já que a versão do documento que se tornou pública é uma cópia.



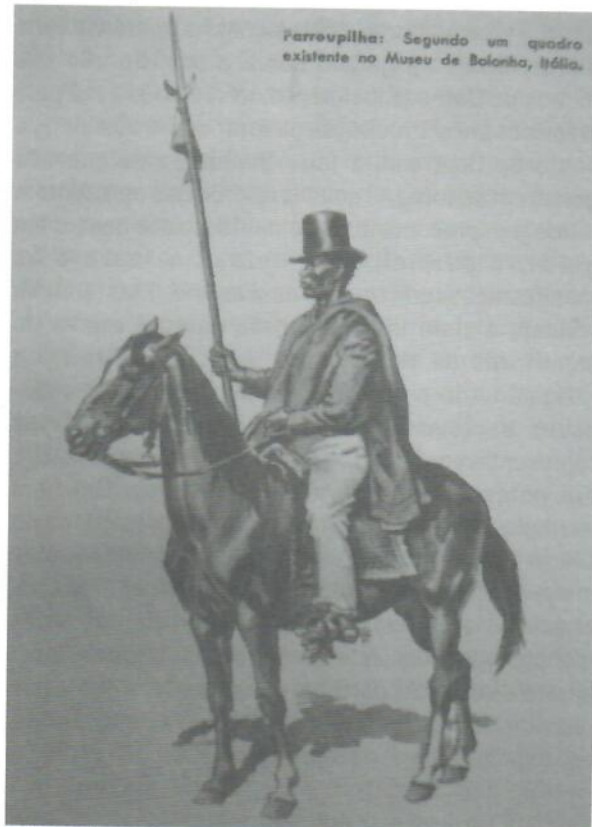


Entende-se que este documento teria sido forjado pelo coronel Francisco Pedro de Abreu para desmoralizar Canabarro, único chefe farroupilha que ainda teria condições de aglutinar as desgastadas forças rebeldes. Félix de Azambuja Rangel, subordinado ao Francisco Pedro, afirma ter presenciado o momento em que seu comandante levou a carta para Caxias assinar e em seguida distribuir cópias entre os adversários. Por essa versão, os lanceiros negros não teriam sido traídos, e sim pegos de surpresa pelas tropas imperiais.

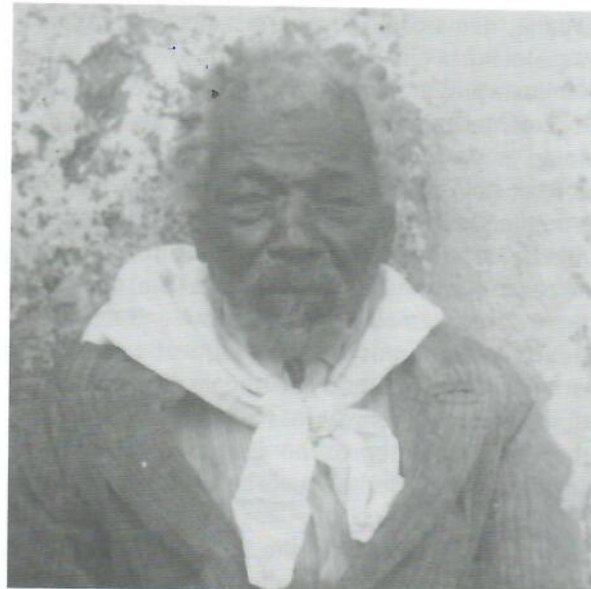
Indiferente da versão que se aceite, é importante destacar o consenso de que os lanceiros foram atacados em condições extremamente desfavoráveis, com inferioridade de armamentos e que acabaram eliminados em quantidade considerável, o que possibilita o uso designação Massacre de Porongos.

Na atualidade, percebe-se que a polêmica em torno do Massacre de Porongos transcende a historiografia, na medida em que tem servido de pano de fundo para diferentes apropriações que estão permitindo a setores da comunidade negra gaúcha romper com a invisibilidade de sua presença no estado e recriar a sua identidade local sob uma perspectiva mais afirmativa e positiva: a de guerreiros e heróis. Destaca-se o fato desta reconstrução se processar justamente a partir de uma releitura crítica daquele que é considerado o principal referencial histórico da construção da identidade gaúcha: a Guerra dos Farrapos.

A Batalha de Porongos e os lanceiros negros tornaram-se, assim, maneiras de falar não apenas da contribuição dos afrodescendentes como trabalhadores no Rio Grande do Sul, mas também das relações entre brancos e negros ao longo dos tempos e de outras situações raciais como, por exemplo, a existência de situações de segregação que deram origem a muitos clubes e CTG's de negros. E nesse sentido pode-se pensar Porongos como um evento do passado que guarda profunda relação com o presente.



Antônio Ribeiro, o legendário Corneta-Mor de Bento Gonçalves que tocou o avançar em Porto Alegre em 20/09/1835. Fotografado aos 84 anos na Estância do Cristal, aonde residia. Fonte: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (Fundo Iconografia, RF/07-RF/09).



Lanceiro Negro Farroupilha, segundo quadro existente no Museu de Bolonha (Itália). Fonte: ALBUQUERQUE, Manoel M. de. Atlas Histórico Escolar. Rio de Janeiro: FENAME/MEC, 1960, p. 27.

## PARTICIPAÇÃO DOS NEGROS NO CARNAVAL DE PELOTAS: BREVES APONTAMENTOS

ÁLVARO BARRETO

Cientista Político e Professor

Quem buscar informações na imprensa e em outras fontes do gênero sobre a participação dos negros no Carnaval pelotense do século XIX até pelo menos os anos 1920 vai se deparar com a ausência, a ponto de ficar com a falsa impressão de que não gostavam da folia. As poucas referências apresentam nítido tom preconceituoso em relação aos negros em geral, à participação deles na festa e às manifestações que traziam para as ruas. Elas também revelam a clara incompreensão da elite acerca do significado de tais manifestações e reafirmam o imaginário do perigo que – a depender da época – esses escravos, ex-escravos e homens livres representavam para os senhores e os brancos, e que era potencializado durante os festejos. Um bom exemplo é o comentário depreciativo apresentado no Diário Popular, em 18 de fevereiro de 1896: "e lá de longe em longe um grupo de pretos minas, como os chamam, a cantar num diapasão infernal umas monótonas toadas, que sempre principiam por - aioê! aiuô! e a largar um perfume que nada tinha de Pinaud nem de Lubim...depois o batuque.Oh! isso era de escangalhar a alma do próprio Satanás!".

No período a que se faz referência, a folia foi inicialmente denominada Entrudo, de origem ibérica, caracterizada pelo jogo d'água. Depois, passou a ser chamada Carnaval, festa de inspiração francesa e italiana, demarcada por: carros alegóricos, corso, passeio burlesco e baile de salão. Todas essas manifestações eram promovidas pela elite local, que ciosamente garantia a separação de classes e de etnias, e preservava para si os espaços públicos preferenciais para a comemoração, como as hoje denominadas Praça Coronel Pedro Osório e rua Quinze de Novembro. Nesse sentido, o tríduo momesco não tinha (assim como o de hoje) nada a ver com a suspensão ou a inversão provisória da ordem social. Imaginemos os riscos que os senhores correriam (e a percepção que tinham dessa situação) se na Pelotas escravocrata de fato ocorresse a libertação dos negros no Carnaval, ainda que simbólica e circunscrita àquele curto período.

Na concepção da elite, portanto, cabiam dois papéis aos negros durante a festa. O primeiro deles era a de trabalhadores, a garantir a infraestrutura e os serviços imprescindíveis aos foliões. Logo, eles eram

vistos a segurar os cavalos ou os bois que puxavam os carros alegóricos; ocupavam-se como músicos nos desfiles ou nos bailes, realizados no Caixeiral, no Comercial ou na Biblioteca Pública; labutavam nas cavernas de Brillhante e de Diamantinos para construir as alegorias; abasteciam as seringas e os sifões para as batalhas d'água. O segundo era o de assistência entusiasmada com o que via, mas paciente, comportada e ciente de seu lugar subalterno. Assim, eles eram alvo (sem reagir) dos limões de cheiro e das bisnagas que os deixavam empapados durante as festas familiares ou quando andavam pela rua. Igualmente, podiam maravilhar-se com os carros alegóricos da década de 1910 – e talvez estranhar que nunca fossem lembrados nas homenagens que traziam aos povos que construíram o país, a exemplo do que ocorria com alemães, portugueses e índios.

A exceção a esse cenário ocorreu por intermédio do Clube Nagô, no início dos anos 1880, durante o acirramento da disputa em torno da libertação dos escravos. Nos registros da imprensa, surpreendentemente vastos e detalhados em se tratando do tema, pode-se identificar a representação dos elementos africanos na fala, no gestual e no vestuário dos membros da entidade. Todavia, este episódio está cercado de polêmica e de dúvidas: os membros do Nagô eram negros a desfilar pela cidade ou brancos caracterizados como tais, a denunciar e a combater a escravidão, mas também a fazer troça e a ridicularizar costumes que, de fato, não compreendiam e nem pareciam querer compreender? Por outro lado, apesar da manutenção do controle e da repressão durante a festa, tem-se de reconhecer que ela abre espaços na rotina social e as comemorações dos negros não deixavam de acontecer durante esse período. Elas eram realizadas longe dos olhos dos senhores, quase como ações subversivas – o que só aumentava a sensação de serem "perigosas" –, ou em espaços autorizados, sob vigilância estrita da elite. Diferentes e separados, enfim.

Os negros promoviam o jogo do Entrudo nas áreas periféricas e entre eles; participavam de bailes públicos ou em "clubes da raça". Contudo, não apenas reproduziam as práticas dominantes, também



promoviam formas distintas de comemoração, como a afirmar costumes peculiares e as identidades a eles associadas, a apresentar resistência à dominação – e a subsidiar os estranhamentos e as reprimendas por parte da elite. O viajante Carl Seidler, ainda nos anos 1820, vivenciou uma festa de escravos no território da futura Pelotas, na qual não faltaram música, dança e roupas de origem africana, elementos que tanto perturbavam os homens livres e que hoje, após mediações, pertencem ao universo carnavalesco. Igualmente, muitos anos depois do relato de Seidler, os negros desfilavam em fantasias singelas e improvisadas, sozinhos ou em pequenos grupos, a fazer algazarra pelas ruas e a executar suas danças e músicas, a comer melancia nos espaços públicos centrais – práticas ofensivas ao refinamento europeizado do Carnaval da elite.

O cenário começou a mudar e os negros a assumir maior protagonismo na festa a partir de 1920, por meio de duas formas de manifestação: os blocos e os cordões, diferentes entre si no modo de comemoração, mas semelhantes no fato de romperem com o padrão de comemoração utilizado, dispendioso e pouco participativo do “carnaval burguês”.

Nos blocos, prevalecia a jocosidade, a começar pelo nome da entidade, e o custo para engajar-se era diminuto, pois não havia fantasias-padrão, coreografia, refinamento musical – embora alguns blocos pudessem alcançar elevado nível de sofisticação em vários desses quesitos. Desse modo, os negros e os populares em geral podiam tomar o centro da cidade, vindos das mais diferentes periferias e promover a sua festa. É importante ressaltar: nessa época, a elite começou a abandonar as ruas e as praças durante o Carnaval, ela não mais realizava os préstitos com os luxuosos carros alegóricos, esvaziava cada vez mais o curso e passava a se refugiar nos protegidos e refinados salões de bailes.

No caso dos cordões, como o Chove não Molha, Espia Só, Depois da Chuva e Fica Aí, a presença do negro era dominante. Eles herdaram alguns dos elementos do préstito, como a busca do

apuro estético e a organização, mas estes foram reelaborados e transformados, pois a base dos cordões residia no elemento humano mais do que na pomposidade dos carros alegóricos. A força deles se manifestava na utilização de fantasias (na realidade, da mesma vestimenta, como de palhaço, pirata ou marujo, que nada tinham a ver o luxo que associamos ao Carnaval de hoje), na execução de coreografias e de enredos, acompanhados por música (instrumentos de corda, sopro, percussão), canto e coro. A trilha sonora não era as árias que antes se ouviam nos desfiles, e sim o que veio a ser classificado como marcha-rancho e, depois, samba, desde então associado com o Carnaval brasileiro.

No pós-II guerra surgiu um novo modelo de folia, as escolas de samba, que se tornou hegemônico no Carnaval de Pelotas. Em sua proposta, as escolas mesclam a experiência dos clubes carnavalescos e seus préstitos com a coreografia, a musicalidade e a organização típica dos cordões. E estes, no correr do tempo, tornaram-se clubes sociais exclusivos para os negros – assim como os demais clubes da cidade eram refratários a eles e, portanto, exclusivamente de brancos –, com atividade o ano todo, como festas, bailes e confraternizações. Atualmente, afastados do Carnaval, são classificados como “clubes sociais negros”.

A partir desse período a folia local consolidou sua fama, passou a ser uma das mais reconhecidas do país e ganhou duração para muito além da quarta-feira de cinza. Embora essas características que a enobrecem pareçam perdidas no tempo e persista hoje uma outra realidade, esse tipo de festejo, com música, costumes e práticas com raízes africanas, determinante presença e participação dos negros, de caráter eminentemente popular e público, pois têm como locus as ruas da cidade, passou a constituir a identidade do carnaval brasileiro, bem como do pelotense. E, nessa condição, ele continua a ser celebrado anualmente.



## HIP-HOP: CULTURA DAS RUAS

**VAGNER BORGES**  
DJ e Pesquisador

O hip-hop foi criado em Nova York no Bronx pelos jamaicanos, chamado África Bambaataa e Dj Kool Her que com os sound sistem mudaram a realidade de um bairro violento chamado Bronx onde a fusão dos quatro elementos(Dj, Mestre de Cerimonia -MC, B-Boy-dança e graffiti-arte visual urbana) em 12 de Novembro de 1974; juntaram os elementos e chamaram de Hip-Hop.

No Brasil ele chegou com força no início dos anos 80, nos famosos encontros e anúncio de festas da Rua 24 Maio e na Estação São Bento em São Paulo onde surgiram os primeiros grupos de rap nacional com Thaide e Dj Hum e Racionais Mc's.

Em Pelotas como já havia a influência dos clubes negros onde tocava black music, em meados dos anos 80, assim como em São Paulo os primeiros movimentos foram os grupo de dança na época o break e após essa onda vivida por conta dos filmes como Break Dance e Break Estilo, surgem os grupos de rap que tomavam conta dos festivais de rua realizado por Mister Pelé onde surgiram a dupla Boca e Mabeiker , Movimento Rua, TWN, Calibre 12,Radicais Mc's, Ideologia de Vida, Consciência Negra Rap entre outros.

Então o hip-hop é um patrimônio cultural da cidade de Pelotas, que vem fazendo a muito tempo um trabalho de transformação social com a prevenção contra as drogas, violência e evasão escolar. E a transformação visual com o graffiti que vem embelezando a cidade, dando vida a lugares ermos, tapumes, muros e evitando a pichação em patrimônio, o que na forma da lei é um crime.



Povo Ovop. Graffiti nas Ruas de Pelotas.



## PRESERVADORES DA MINHA ETNIA, DO QUE EU VIVI... MINHA CULTURA

**FELIPE MARTINS**

Acadêmico de Licenciatura em Música

“Vem cá iaiá vem ver...  
Na pancada do pilão bater.  
Vem cá iaiá vem ver...  
Na pancada do pilão bater.”

Sob a métrica quaternária do verso acima, com uma voz um pouco rouca adentra o espaço, socando um pequeno pilão na pulsação da música a Mestra Griô Sirley Amaro, o Mestre Dilermando Freitas, ambos com seus cabelos brancos, suas sabedorias e suas vivencias.

O pulso soando no pilão é mantido incansavelmente até que os Mestres se apresentem em um gesto com a cabeça a todos os participantes, junto a um pequeno cortejo de amigos convidados pelos Mestres para compor este momento, e assim todos que esperam por eles já entoam juntos a pequena canção, é assim que se inicia uma das Vivencias Griô com a Mestra Griô Sirley Amaro e o Mestre Dilermando Freitas

Mestra Sirley Amaro foi reconhecida pelo Ministério da Cultura – MinC - como Mestra Griô no ano de 2007 e Mestre Dilermando em 2010 e ambos já têm uma caminha na comunidade pelotense no que tange a cultura local.

Mestra Sirley, uma carnavalesca desde criança, e Mestre Dilermando um percussionista e hoje propagador da construção do Sopapo, como o saudoso Mestre Batista, Mestre Griô de Pelotas também reconhecido pelo MinC em 2007. Os Mestres Griôs são os grandes propagadores da Cultura Popular, pois por meio da oralidade tornam seus conhecimentos vivos levando às gerações mais novas a história, a cultura e a vida de uma comunidade como um todo.

O projeto Ação Griô, que reconheceu tais Mestres no Brasil, fez parte do Programa Cultura Viva do MinC, surgindo de uma experiência do Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô, em Lençóis na Bahia, que incorporaram a “Pedagogia Griô” em suas práticas como forma de reconhecimento e manutenção da cultura local.

Na cidade de Pelotas, tais Mestres desenvolveram suas Vivencias em escolas públicas, ONG's, dentre outros espaços desde 2007. Mesmo com o fim do financiamento do Projeto Ação Griô, os Mestres continuaram suas práticas a fim de contribuir com a Cultura Pelotense até hoje.

Mestra Sirley, juntamente com o Núcleo de Arte Linguagem e Subjetividade da Faculdade de Educação da UFPel, realiza na cidade oficinas de contação de histórias e construção de Fuxicos, feitos de retalhos de pano, prática que resiste da profissão da Mestra, costureira.

Mestre Dilermando, com a ONG Odara, mantém viva a cultura do Sopapo, desde sua confecção até sua utilização nas apresentações do grupo, além de ministrar oficinas da construção do instrumento quando solicitado.

A ação destes dois Mestres na comunidade pelotense, torna real a possibilidade de compreendermos outras formas de conhecimentos, transmitidos principalmente pelos Saberes Populares por meio da oralidade e das vivencias organizadas pelos mestres.

Para de fato compreender a Vivencia Griô, é preciso vivenciá-la, entretanto a Mestra Sirley que tenta traduzir este momento, “Sou uma preservadora da minha etnia e do que eu vivi, da descendência negra em Pelotas, minha cultura [...]”.



## SE PELOTAS NÃO CRIOU O CHARQUE, O CHARQUE E A ESCRAVIDÃO INVENTARAM PELOTAS

**ADÃO MONQUELAT**  
Livreiro e Pesquisador

Se, por um lado, podemos dizer que Pelotas não inventou o charque; por outro, podemos afirmar que o charque e a escravidão inventaram Pelotas.

O “Rincão das Pelotas”, colonial denominação pela qual era conhecida a região que veio a formar o município de Pelotas, teve sua origem no agropastoreio, destacando-se a triticultura, e esta, alicerçada no braço africano e, ou, afro-português.

Com a determinação do então governador Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Câmara de assentar os casais oriundos de Maldonado em pequenas áreas denominadas de datas no ano de 1781, às margens do arroio Pelotas, vê-se a região do “Rincão das Pelotas” acrescida em população; propiciando em curto espaço de tempo transações imobiliárias que permitiram a instalação das charqueadas que logo atraíram outras pessoas que por sua vez trouxeram novos escravos e distintos interesses comerciais.

A partir do aforamento das braças pertencentes ao negociante e charqueador Antônio Francisco dos Anjos, foi dado o pontapé inicial para a formação de um núcleo urbano constituído, em sua quase totalidade, por não charqueadores. Eram foreiros cujo propósito diferenciava-se de maneira indireta do mundo agropastoril que os rodeava.

Em tais braças, surgiram algumas modestas construções que, por sua vez, estiveram largo tempo à mercê de charcos e várzeas decorrentes do arroio Santa Bárbara e do canal São Gonçalo.

Era Pelotas até então um vir a ser no contexto de um pampa ao sul do Sul, cuja monotonia e rotina se viam alteradas quando da época dos abates nas charqueadas e com chegada dos tropeiros, que para elas conduziam suas boiadas, quebrando o desacontecer da cidade que, fora disso, adormecia com o badalar do sino da Matriz na hora da ave-maria.

Desse vai gado e sai charque das charqueadas, produto que desde os primórdios de sua manufatura teve quase que exclusivamente o braço escravo, produzido de uma forma primitiva e

rudimentar, deve Pelotas o seu atípico desenvolvimento; atipicidade, esta, provocada pelo crescimento econômico de poucos em detrimento e vidas de muitos e, em particular, de escravos negros.



## OS DOIS LADOS DA HERANÇA

**CLOTILDE VICTÓRIA**  
Pedagoga

O dia do Patrimônio de Pelotas edição 2014 nos oferece um tempo de reflexão, tempo de fazermos uma revisão dos fatos, de conhecermos e tratarmos a história de um povo, cujos ancestrais foram arrancados de sua terra. Privados do que há de mais importante e que dá sentido a vida humana:

- a liberdade - a justiça e a igualdade de direitos.

Ao chegarem na nova terra se depararam com uma combinação perversa de violência física e simbólica. A violência física foi direta, resultando no cativeiro e na dominação pela força, pela opressão, extraindo do negro o direito de existir como ser independente do seu senhor.

O negro escravizado perdia a prerrogativa sobre seu próprio corpo. Perdeu seu nome, sua origem e identidade, seus bens e prestígio social.

No cativeiro, foi considerado uma peça, uma mercadoria que podia ser negociada, leiloada, alugada, penhorada.

A escravidão, além do cativeiro, da violência física e da exploração econômica deixou como herança, para nós os afrodescendentes, vários estigmas associados à cor da pele, definindo-nos como inferiores, legitimando a desigualdade de poder, de direitos e cidadania.

Mas há que se fazer um registro da maior importância. Assim que chegaram a nova terra, ao mesmo

tempo em que sofriam no corpo e na alma as agruras de cativos, começaram a luta pela reconquista da liberdade e cidadania do povo negro no Brasil.

Fizemos história e esta não deve ficar guardada nas prateleiras das bibliotecas, mas na boca e no coração dos filhos desta terra.

A presença do negro tem sido marcante na sociedade brasileira. E por isso mesmo não pode ficar alheia, nem ignorar a forte influência cultural e religiosa, nem a rica bagagem de coragem, serenidade e bravura que nossos antepassados africanos ou afro-brasileiros nos legaram.

Somos na grande maioria, em nosso país, descendentes de negros sofridos, de negros escolhidos e de negros tolhidos e, jamais devemos esquecer que sublimamos o sofrimento, num desejo constante de espaço, de participação e de afirmação. Que travamos batalhas, com uma história de resistência e de lutas contra a discriminação.

Revelar nossas raízes significa nos mostrarmos, seja em nossa árvore genealógica, seja nos costumes, na religiosidade, na culinária, na dança, no artesanato ou enfim, na tradição deixada por nossos ancestrais e passada de pais para filhos. É a nossa história, o nosso patrimônio, a cultura que somos e de quem somos despertando-nos para a preservação de nossa herança cultural.



Cordão carnavalesco Chove Não Molha no Carnaval de 1924.  
Foto: Acervo Biblioteca Riograndense.

#### **AGRADECIMENTOS:**

Beatriz Araujo, Mestra Griô Sirley Amaro, Mestre Griô Dilermando Freitas, Cláudia Turra Magni, Beto Santos, Marília Flôor Kosby, Rosane Rubert, Vinícius Oliveira, Lúcio Menezes Ferreira, Carla Ávila, Felipe Martins, Fábio Gonçalves, Helenira Brasil Dias, Andrea Mazza Terra, Giovane Lessa, Cláudio Rodrigues, Louise Alfonso, Iyá Gisa D'Oxalá, Paulo D'Xangô, Jonas Klug, Vagner Borges, Jair Brown DC, Khaffu, Mano Rick Duarte, Adão F. Monquelat, Caiuá Al-Alan, Álvaro Barreto, Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra de Pelotas, Frente Negra Pelotense, Associação Hip Hop de Pelotas, ASSECAP (Associação das Entidades Carnavalescas de Pelotas), CONCULT (Conselho Municipal de Cultura), Nilo Dias e Comunidade Quilombola do Algodão, Reitor Mauro del Pino, Cônsul César Rodríguez Zavalla, Alabê Ôni, IPHAE (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado), IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

A Secult agradece imensamente a todos os proponentes das atividades, aos agentes do patrimônio, às instituições que gentilmente abriram suas portas durante o final de semana, aos colegas das secretarias municipais, aos dirigentes de nossa cidade, Eduardo e Paula.

*In memoriam:* Giba Giba e Daniel Balhego.

Todos os conteúdos e opiniões expressas são de inteira responsabilidade dos autores.

Todos os eventos da programação são de inteira responsabilidade de seus proponentes.

